

EDITORIAL

BIOGRAFIA SOCIAL

Não há como conciliar o desenvolvimento de uma sociedade sem o conhecimento, vivências e efervescências de sua história. Raízes, matrizes de uma sociedade caminhante. Conquistas, dificuldades, lutas, superações, persistências, tradições, emoções, imprescindíveis experiências pessoais e institucionais compõem a hierarquia, o itinerário das gerações, os hinos de vida e gritos de guerra secularmente compartilhados, a biografia de nossos antepassados, o mapa basilar de nossa coletividade.

Há uma memória, não só mnemônica, mas igualmente plasmada, distensa no tempo. Informações a serem preservadas, conhecimentos a serem valorizados. Elos a serem lubrificados, porquanto constituem o encadeamento das correntes da memória - registros, fatos, feitos, recordações que movem e impulsionam a mó do tempo.

Presenteia-nos a memória com a atmosfera resinosa do passado, a sabedoria saída dos lábios oraculares de nossos avós, nas conversas do cotidiano, nas rodas ao pé da fogueira, as profundidades latentes e mágicas do tempo primitivo, remissivo, enraizador... O lirismo mítico que permanece, existências que se espaçam e se incorporam borboleantes, sofrimentos que se engrandecem, transitoriedades que se agigantam, tragédias, dores

que se dissipam ou se insepultam, quais penhascos trêmulos, desafiadores em meio ao horizonte marinho – pois ali estão impávidos em meio às névoas e relampejos do sol...

A memória é o espelho a nos retratar o passado, a nos exibir ricos traços, refletores das ações e exemplos do ontem, de nossos predecessores e que, burilados pela pesquisa, pela arte, nos servem/servirão de moldes de inspiração, de bússolas em nossas trajetórias de indeclinável progresso material e impostergável espiritualidade, rumo ao grandioso porvir antevisto para a civilização terrestre. Permite-nos aprendizado, a visão e prospecção de roteiros consolidados que inibirão desacertos, desenleando-nos de experiências sombrias e negativas.

“A memória não é sonho, é trabalho (...) Lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar com imagens e ideias de hoje as experiências do passado” (Ecléa Bosi in “Memória e Sociedade – Lembranças de velhos”, Cia. das Letras, São Paulo, 1988)

Passado que nos trespassa, vida e tempo que passam pelas janelas, trilhos e trilhas dessa interminável estrada – sons, ritmos, cenas de um balé que nos chega, à retaguarda, mente gravada, enquanto a porta aberta nos escancara a praça, nos convoca ao bulício presente das ruas...

AO PÉ DA FOGUEIRA

O "REMÉDIO" MILAGROSO

Noite alta, escura, tempestuosa naqueles ermos da Florinda. Década de 1930. Estirada na cama, a enferma – uma senhora ainda jovem – gemia febril, exangue. Remédios caseiros e medicação fitoterapêutica possíveis (chás, tisanas, compressas) tinham-lhe sido já ministrados, sem resultados satisfatórios.

Familiares agonizados, aflitos, impotentes e que se limitavam à vigília, a orações ao pé do catre, ante o estado de rápido definhamento da doente, na expectativa do romper da madrugada e o cessar do temporal, a fim de se buscar socorro. Em questão de poucas horas, a senhora que, inicialmente, queixara-se de mal estar, dores generalizadas pelo corpo, para perplexidade do marido e filhos todos menores, ali estava em estado de total prostração.

A enferma, que se mantinha praticamente inconsciente, proferindo palavras ininteligíveis, a certa altura, despertando-se do torpor reinante, chamou o esposo à sua cabeceira, dizendo-lhe:

- Vá rápido ao arraial e consulte o Dr. Neto⁽¹⁾. Mesmo que ele não possa vir até aqui, tenho a mais absoluta certeza de que os remédios por ele receitados e com as bênçãos de Deus me trarão a cura!

O marido comprometeu-se a buscar médico e remédios. Porém não o tinha feito, até então, por total incapacidade de locomoção. Noite chuvosa, estradas intransitáveis mesmo para cavaleiro, córregos transbordantes, relâmpagos e trovões ribombantes, cenário dantesco e assustador. Ademais, como deixar ali as crianças já transtornadas com a enfermidade da mãe e com a avassaladora tempestade noturna?!

Ainda assim, ante o apelo dramático, fervoroso da esposa, buscou agir. Fez com que as crianças se acomodassem no leito, deixando apenas o mais velho, garoto de seus 10 anos, ali em vigília, junto à mãe. Com extrema dificuldade, conseguiu arrear um cavalo, que, por precaução, ele deixara no pastinho próximo à rústica residência, pôs a capa ideal e tomou o rumo de São Tiago.

Pouco conseguiu em seu trajeto. O estrondo dos trovões, o coruscar

dos raios, ventos furiosos arrancando e estilhaçando os galhos das árvores, caminhos lamacentos tornavam impossível a viagem. O animal, também transido de pavor, empacou, refugou, recusando-se a prosseguir. Insistir, pensou o transtornado lavrador, seria loucura, um verdadeiro suicídio! Poderia ser atingido, a qualquer momento, por um raio, pela queda de uma árvore...

O que fazer?! Orou profundamente, sob a chuva intermitente. Era homem de fé. Teve uma grata inspiração. Retirou do bolso do arreio um pequeno copo dobrável (era comum, à época, os cavaleiros levarem um recipiente ou copo para tomar água no trajeto, guardados no bolso da sela ou nas mochilas) e, sustentando-o o mais alto possível, após chegar-se a uma clareira, encheu-o de água colhida da água, vinda diretamente do alto.

Retornou à casa. Ali chegando, com todo cuidado com a água transportada, foi ao leito onde se achava a esposa extenuada, fragilizada, informando-a:

- Eis o remédio que o Dr. Neto receitou para você...

Prontamente, a senhora tomou o “remédio”, umas duas colheres, acalmado-se, dormindo placidamente o resto da noite. Para espanto geral, acordaria bem disposta pela manhã, chuva cessada, louvando o “remédio” e a Deus, além de agradecer ao marido pelo esforço de se deslocar, numa situação daquelas, até o arraial.

- Bendito “remédio” que o Dr. Neto me mandou! Graças a Deus, estou bem...

(1)- José Gaudêncio Neto – médico - nascido a 07/10/1896 no povoado do Fundo da Mata - São Tiago-MG.

Filho do Sr. José Gaudêncio Júnior e de D. Francisca Justina da Silva



ADIVINHAS

- 1 - Quantas aves são necessárias para levantar um elefante?
- 2 - O que é que anda sempre de cabeça para baixo?
- 3- O que é, o que é? Quanto mais se perde mais se tem?
- 4 - Qual a diferença entre a bota e a calça?

Respostas: 1 - Quatro patas; 2 - O prego do sapato; 3 - Sono; 4 - A calça a gente bota e a bota a gente calça.

Provérbios e Adágios

- Amor primeiro não tem companheiro.
- Quando a crise entra pela porta, o amor sai pela janela.
- A grama do jardim do vizinho é sempre mais verde.
- De tanto ir à fonte, o cântaro, um dia, se quebra.

Para refletir:

- Não tente conseguir de outra maneira o que não conseguir por amor (S. Francisco de Sales)
- É mais importante a viagem do que a pousada (Cervantes)
- Se você não sabe qual é a sua missão na vida, já tem uma: encontrá-la (Viktor Frankl)
- É no momento da mais profunda dúvida que nascem as novas certezas. Nesse mesmo sentido, talvez a desesperança seja o adubo que alimenta a esperança humana; talvez nunca experimentássemos o sentido da vida, se antes não tivéssemos experimentado seu absurdo (Vaclav Havel, pensador e político tcheco, Prêmio Nobel da Paz)

EXPEDIENTE

QUEM SOMOS:

O boletim é uma iniciativa independente, necessitando de apoio de todos os São-Tiaguenses, amigos de São Tiago e pessoas comprometidas com o processo e desenvolvimento de nossa região. Contribua conosco, pois somos a soma de todos os esforços e estamos contando com o seu.

Comissão/Redação: Adriana de Paula Sampaio Martins, Elisa Cibele Coelho, João Pinto de Oliveira, Paulo Melo.

Coordenação: Ana Clara de Paula

Revisão: Heloisa Helena V. Reis Oliveira.

Colaboração: Marcus Antônio Santiago; Instituto hist. Geográfico de São Tiago.

Apoio: Renata Aparecida de Paula Serpa

E-mail:

credivertentes@sicoobcredivertentes.com.br

COMO FALAR CONOSCO:

BANCO DE DADOS CULTURAIS/INSTITUTO SÃO TIAGO APÓSTOLO

Rua São José, nº 461/A - Centro - São Tiago/MG

CEP: 36.350-000 – telefone: (32) 3376-1107

Falar com Renata Aparecida de Paula Serpa

Realização:



O FOOTING

Um dos acontecimentos sociais e lúdicos mais assinalados, entre nós, no passado, era o “footing” ao longo da Av. Cel. Benjamim Guimarães e que, por vezes, se estendia até espaços e proximidades do adro da Praça da Matriz. As moças, em especial, braços dados, toailete bem cuidada, vestidos ou conjuntos elegantes, com seus giros e desfiles, num vaivém descompromissado, fagueiro. Os moços, por sua vez, numa espécie de corredor polonês, igualmente bem apessoados, permaneciam enfileirados sobre os passeios ou próximos às esquinas, no regime de observação – paquera ou flerte, como se dizia – aguardando os olhares das moças, buscando insinuar e conquistar algum coração gracioso. Era o “footing” uma ocorrência, com destaque glamour, principalmente aos sábados e domingos à noite ou em dias de festividades, geralmente religiosas – Semana Santa, Padroeiro São Tiago Maior, Assunção de Nossa Senhora (festas de Agosto), São Sebastião, que atraíam considerável número deromeiros e visitantes à cidade.

Iniciavam-se ali galanteios, namoros, muitas vezes uma acendrada paixão, troca de afetos, observando-se pares embevecidos desfilando ao sabor e ao langor dos corações enternecidos. E sob os olhares atentos de familiares e da bisbilhoteira de desocupados ou invejosos...

Outros grupos primavam por uma palestra descontraída, formados por pessoas do mesmo sexo ou ainda mistos: geralmente conversa ingênua, daquelas de tirar boi do buraco, comentários sobre modas, costumes, festas, esportes, alguma fofoca ou maledicência avulsa. O rapaz desalinhado ou acaipirado; o estranho simpático; o senhor cortejador e inconveniente.

O “footing” era ao som das músicas do antigo Cine Odeon, enquanto se esperava, lá pelas 20 horas, o início da sessão, geralmente filmes de faroeste, bíblicos, chanchadas...Cômicas e cifradas eram, via de regra, as dedicações das músicas- boleros, guarânicas, principalmente - anunciadas na voz dos locutores como o inesquecível Chico do Maeca:

“Alguém oferece a alguém como prova de muito amor e esse alguém sabe quem.”



Cine Odeon

Patrocínio:



Apoio Cultural:



GOVERNABILIDADE E SUSTENTABILIDADE

Se desejamos desenvolvimento, melhores condições e qualidade de vida para todos, é indispensável que nossas comunidades tenham governabilidade e sustentabilidade. O que quer dizer: o fortalecimento e a ativação de todos os recursos disponíveis da comunidade – econômicos, humanos, culturais, ambientais – e a revisão das necessidades e posturas de governantes e cidadãos. Um projeto com estratégias, metodologia, missão, vontade.

COMO OBTER ISSO:

- Que os administradores, em especial os locais – afinal vivemos e atuamos na comunidade - tenham uma visão de planejamento de médio e longos prazos (não apenas de curto prazo e há administradores que incrivelmente se elegem sem nenhum planejamento ou proposta de governo!!!) Um mandato eletivo exige uma gestão planejada, eficiente, profissionalizada, inovadora...
- Que a cidade seja vista por todos como uma identidade e um sistema dinâmicos, em que a administração pública dialogue e trabalhe harmoniosamente com os diferentes atores (instituições sociais e localmente organizadas). Em síntese: planejamento e práticas, por parte do gestor público, que envolvam as mais diversas manifestações, valores, tradições e pensamentos da comunidade. Um trabalho conjugado, de parcerias, de integração, sintonia, sinergia e mútua cooperação!
- O envolvimento de TODOS, em todos os níveis, como escolas, empresas, organizações da sociedade civil, etc. ao lado de instituições técnicas como SEBRAE, Universidades, Centros e associações comerciais, sob a batuta da administração pública, em que sejam estimuladas a conscientização socioambiental, a mudança cultural, a ação empreendedora. Campanhas, por exemplo, de seletividade do lixo urbano, preservação ambiental de parques, jardins e reservas nativas, de resgate das tradições culturais locais etc.

Municípios sustentáveis e autônomos tornam-se mais conscientes, mais progressistas, ativos, com o desenvolvimento em bases firmes e em que todos os atores, sejam o município, empresas, escolas, o cidadão comum, enfrentem e superem desafios, se engajem num projeto consciente de se fazer o melhor para a cidade. Vejamos, tão somente a título de exemplo, a cidade de Gramado, no Rio Grande do Sul, hoje um modelo invejável de sustentabilidade econômica, cultural e ambiental. (Recentemente uma missão de empresários e técnicos de nossa região visitaram Gramado, bem como outras cidades gaúchas, como Bento Gonçalves, Canela, Flores da Cunha, Nova Petrópolis etc., que recebem, hoje, cerca de 1,5 milhões de turistas/ano, objetivando conhecer/visualizar ali as melhores práticas negociais e associativistas implantadas vitoriosamente há décadas). Os resultados de hoje são consequência de um projeto iniciado há cerca de meio século, envolvendo poder público, empresariado e comunidade, onde se trabalha com planejamento estratégico, inovação e parcerias. Poder Público, empresas e coletividade agem de forma integrada, harmoniosa, todos imbuídos da crença de que unidos, com profissionalismo, TODOS ganham!!!

Administrar – assim devemos entender – é envolver a comunidade, é dialogar, é trabalhar/agir em regime de mutualidade e compartilhamento, é elevar a autoestima coletiva...



DR. ANTÔNIO DAS CHAGAS VIEGAS

Natural de nossa cidade, aqui nasceu o Dr. Antonio das Chagas Viegas a 17/03/1883, filho de Antonio Xavier das Chagas Viegas⁽¹⁾ e Maria Cristina Santiago Viegas. Irmão dos igualmente ilustres são-tiaguenses Dr. Augusto das Chagas Viegas⁽²⁾, Dr. José das Chagas Viegas⁽³⁾ e Dr. Henrique das Chagas Viegas.

Compõe e emoldura o Dr. Antonio das Chagas Viegas, com toda honra, a galeria de personalidades brilhantes de nossa região. Realizou seus estudos primários em São Tiago e São João del-Rei e os estudos secundários no Ginásio Mineiro de Barbacena. Formou-se em 1904 pela Escola de Farmácia de Ouro Preto, diplomando-se também em 1908 pela Academia de Medicina do Rio de Janeiro.

Como médico, clinicou em São João del Rei, com atendimento às populações das cidades vizinhas, conduzindo-se sempre pela abnegação, zelo e competência profissional e o máximo de carinho pela clientela, em especial os pobres de nosso meio. Um verdadeiro apóstolo e missionário da medicina. Ainda como médico, prestou inúmeros e inestimáveis serviços à Estrada de Ferro Oeste de Minas, aposentando-se nesse cargo. Um pensamento seu, de 1959 (fonte Google) demonstra sua visão superior e humanista: “O médico é superior à medicina. Quando a medicina acaba, o médico tem que continuar”.

Político, exerceu durante 16 anos o cargo de prefeito municipal de São João del-Rei, primando sua conduta de gestor sempre pela honradez, honestidade, austeridade e o mais elevado espírito público. Administrador operoso e virtuoso, em seu mandato procedeu a aberturas e calçamento de ruas, implantação de jardins, vasta atenção à zona rural e ainda a construção do monumento ao Cristo Redentor (inaugurado em 08/12/1942).

Ajudou pessoal, financeira e profissionalmente na montagem da sala de cirurgia do extinto Hospital do Rosário, inaugurado em 11/02/1912 (hoje Hospital das Mercês), contribuindo ademais e sempre, em atividades assistenciais e campanhas de amparo a enfermos, idosos e desvalidos da cidade e região. Montou às suas expensas, juntamente com os Dr. Antonio de Andrade Reis (outro saotiaguense ilustre) e Dr. Artidônio Pamplona, a sala de operações do referido hospital. Eleito membro da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São João del-Rei, recebendo intensas e justas homenagens dos médicos e da população da cidade em 11/06/1961. Foi também membro docente da Escola de Odontologia que funcionou em São João del-Rei, além de membro do corpo clínico da Santa Casa de Misericórdia.

Uma curiosidade: foi Dr. Antonio Viegas, em 1930 - à época da administração do Dr. Antonio de Andrade Reis⁽⁴⁾ e por concessão deste - o empreiteiro, em sociedade com o sr. Otávio Neves, da construção da estrada ligando São João del-Rei a São João Batista (Morro do Ferro), passando por São Tiago, percurso de 70 km. O jornal “O Correio”, de São João del-Rei, em sua edição de 04/10/1930, sob o título “São Thiago”, informava que “a estrada que vai desta cidade para o próspero e rico distrito de São Thiago, do vizinho município de Bom Sucesso, se vai abrindo sob os auspícios do nosso distinto e dedicado amigo Dr. Antonio Viegas, foi já trafegada, antes de lhe marcar a inauguração” (pesquisas/informações do Prof. Antonio Gaio Sobrinho, a quem, uma vez mais, agradecemos penhoradamente)

Casado a 30/07/1910 com a sr^a Florisbela Guimarães Peixoto (SP-29/04/1888-BH-24/04/1968), tendo o casal 8 filhos: I - Dr. Antonio Viegas Filho, casado com Marina Mariante Viegas;

II - Maria José Viegas; III - Germana Viegas Ribeiro, casada com Stélio Ribeiro; IV - Lúcia Viegas Meireles, casada com José Monteiro Meireles; V - Odete Viegas, casada com o primo Dr. José Guilherme Viegas; VI - José Peixoto Viegas; VII - Carmem Viegas Alvim, casada com Gutemberg Alvim; VIII - Maria Antonieta Viegas (+ 24/09/1942).

O Dr. Antonio das Chagas Viegas faleceu em Belo Horizonte a 29/01/1969, sendo sepultado no Cemitério do Carmo de São João del-Rei. Homem caridoso, idealista, profissional médico competente, administrador probo e progressista, leal e tolerante sempre, modelar chefe de família e cidadão exemplar, pelo que representava e pelo que fez pela coletividade, merecerá o Dr. Antonio das Chagas Viegas a estima e o integral respeito da história.



Corpo médico da Santa Casa de Misericórdia: Drs. J. Martins Ferreira, Francisco Mourão Filho, Fausto das Neves, Antonio Viegas e Andrade Reis

SAOJOAODELREITRANSARENTE/DIVULGAÇÃO



INTERNET/DIVULGAÇÃO



A Santa Casa de Misericórdia de São João del-Rei.
Casa dr. Andrade Reis a esquerda ainda não tinha a rua era muro

NOTAS

(1) O sr. Antonio Xavier das Chagas Viegas, de profissão fazendeiro, viria a ser assassinado em nossa cidade, a 17/12/1896, vítima de latrocínio. Um seu empregado, de máxima confiança, o assassinara, a fim de roubar considerável quantia provinda de venda de gado feita pelo patrão.

Cert. de batismo: "A 4 de Abril de 1883, baptizei solemn.te Antonio, nascido a 17 de Março deste anno, filho legítimo de Antonio Xavier das Chagas Viegas e Maria Christina Viegas; foram padr^{os} José Francisco Ribeiro e Silva e Maria Theóphila de Faria e para constar faço este assento. Vigr^o Ferreira" (Livro de registro de batismo da Paróquia de São Tiago, Lv. 02, págs.111/112)

(2) Dr. Augusto das Chagas Viegas – ver matéria biográfica publicada nesse boletim nº XXXIX – Dez/2010, pág. 4.

(3) Dr. José das Chagas Viegas – ver matéria biográfica publicada nesse boletim – nº XIV – Nov/2008, pág. 6.

(4) Outro ilustre são-tiaguense e também célebre médico, o Dr. Antonio de Andrade Reis exerceu as funções de prefeito de São João del-Rei, no período de 1927 a 1930. Ver matéria biográfica publicada nesse boletim nº XI – Ago/2008, pág. 3.



15/03/1924 - Corpo clínico da Santa Casa de Misericórdia e autoridades.
O 1º à esquerda: Dr. Antônio Andrade Reis. O 1º à direita: Dr. Antônio Viegas

A CHEGADA DO HOMEM À LUA

O assunto, naqueles irrequietos dias, em todas as rodas, era um só: a chegada do homem à Lua, evento transmitido ao vivo pela TV e acompanhado por multidões, milhões de estupefatos espectadores, mundo afora. Um assombro até para os cidadãos mais modernos e conectados com os avanços científicos. Para alguns, de índole conservadora, tudo não passava de querela, uma farsa. – Deus não deu ao homem o poder de ir a outros mundos, ouvia-se dizer.

O cidadão aproxima-se na surpresa, na cautela, pé após pé, movimento de gato arreado, ante o grupo de pessoas, estudantes em sua maioria, que, naquele momento, sentados à volta da mesa do Bazar do Ponto, em meio a refrigerantes e salgados, comentavam sobre o prodigioso feito americano. Ali exibido, televisor ligado, à exaustão, às escâncaras, nos mínimos detalhes, em todos os talhes.

- Quanto mais se estuda, menos se aprende, ou melhor mais se desentende, interpôs o recém chegado com voz enervada, enfezada, assustando a todos, numa singular equação. E prosseguiu, observando os jovens, alguns até uniformizados: - Depois que Mons. Elói abriu esse colégio na cidade, a ignorância parece ter aumentado...As cangalhas estão poucas...⁽¹⁾ Vocês alardeando aí sobre essa falsidade, essa invencione da chegada do homem à Lua...

O recém chegado, pessoa já madura, de seus sessenta a setenta anos, era de todos conhecido. Fazendeiro, porém com atividades de prestação de serviços na cidade.

Perplexos, sem entenderem a razão do escalracho do cidadão, os moços ouvem-no expor sua teoria, após um dos presentes inquirir-lhe por que não acreditava no grande feito científico: - O mundo é reto, não tem fim. Você sobe no topo da serra, a mais alta delas à sua vista e à sua volta, eis que surge além outra serra mais alta ainda e assim sucessivamente, até que se chega a imensos mares de água e areia... O que esses homens fizeram foi chegar num desses infundáveis desertos e dali apregoarem que chegaram à Lua... Nada mais, nada menos do que isso!⁽²⁾

Com olhar febril, voz de profeta, voltou à porta do bar e antes de ganhar a rua, proclamou: - O homem nunca chegará a outros mundos. Deus jamais deixará que “mexam” em Sua Obra!

NOTAS

(1) “Chuva de cangalhas” – referência, segundo a oralidade local, a uma enunciação de Pe. José Duque, durante um homilia, de onde caísse uma chuva de cangalhas sobriariam poucas...

(2) Na ótica de nosso conterrâneo, a Terra era algo estático, decerto retilíneo, sem fim ou de fim indefinido. Visão medieval europeia, das mais obscuras, em que os oceanos eram intransponíveis, habitados por monstros horripilantes e providos de abismos e despenhadeiros insondáveis. Conceitos excêntricos, inteiramente desalinhados do que propõe a ciência e o conhecimento modernos e até mesmo da época.

Ver matéria em nosso boletim nº XXV – Out/2009, pág. 6, intitulada “Passagem” de Jesus Cristo por São Tiago, que narra sobre outro nosso conterrâneo que acreditava na passagem de Jesus Cristo por nossa região buscando, para tal, , dentre as serras e pedreiras adjacentes, as pegadas e as marcas da ferradura do jumento que transportara o Mestre (segundo nosso bom conterrâneo, ainda “vivas”, “frescas”, mesmo passados séculos, milênios...)

Astronomia

A astronomia é considerada a mais antiga das ciências. O céu era observado e utilizado por antigos povos como mapa, calendário e relógio, com objetivos práticos: medir a passagem do tempo (calendário), prever a melhor época para plantio e colheita; orientação para as viagens e navegações por meio de observações celestes e ainda para previsões astrológicas. Os primeiros registros astronômicos datam de 3.000 a.C e se devem aos chineses, babilônios, assírios e egípcios.

Já em 700 a.C, os chineses sabiam a duração do ano (365 dias) e deixaram anotações sobre cometas, meteoros, meteoritos, estrelas “novas”, constelações. Povos celtas (Inglaterra) também deixaram registros e conhecimentos astronômicos, como os solstícios e que podem ser observados nos monumentos de Newgrange (3.200 a.C) e Stonehenge (3.000 a 1.500 a.C) Povos ameríndios, como maias, tinham igualmente avançados conhecimentos astronômicos e matemáticos. O ápice da ciência antiga se deu na Grécia entre os anos de 600 a.C a 400 a.C. Desconhecedores da rotação da Terra, os gregos, em sua maioria, acreditavam que a esfera celeste girava em torno de um eixo que atravessava a Terra. Há milhares de anos, contudo, os astrônomos sabiam que o sol muda de posição ao longo do ano, movendo-se um grau aproximadamente por dia para o leste e que o tempo gasto pelo sol para completar uma volta na esfera celeste equivalia a um ano. O aparente caminho percorrido pelo sol durante o ano define a elíptica.

Dentre os sábios gregos da época, podemos mencionar: Thales de Mileto (624-546 a.C), que introduziu na Grécia os fundamentos da geometria e astronomia por ele trazidos do Egito. Acreditava que a Terra era um disco plano sobre uma vasta extensão de água. Pitágoras de Samos (572-497 a.C.) grande matemático, filósofo e educador. Acreditava que a Terra, a Lua e os demais corpos celestes eram esféricos e assim se transportavam no Cosmos. Aristóteles de Estagira (384-322 a.C) observou e explicou racionalmente as fases da lua, afirmando que a Terra era esférica, porquanto a sombra da Terra na Lua durante um eclipse lunar é sempre arredondada. Afirmou em seu livro “De Caelo” que “O Universo é finito e esférico ou não terá centro e não pode se mover”. Heraclitus de Pontus (388-315 a.C) afirmou que a Terra girava diariamente sobre





seu próprio eixo, que Vênus e Mercúrio orbitavam o sol e propôs a existência dos epíclis. Aristarco de Samos (310-230 a.C), notável astrônomo, foi o primeiro a propor que a Terra se movia em torno do Sol, antecipando Copérnico em 1.800 anos. Desenvolveu um método que determinava as distâncias relativas do Sol e da Lua e mediu os tamanhos relativos da Terra, da Lua e do Sol. Eratóstenes de Cirênia (276-194 a.C) diretor da Biblioteca de Alexandria, foi o primeiro cientista a medir o diâmetro da Terra. Hiparco de Nicéia (190-120 a.C), considerado o maior astrônomo da era pré-cristã, construiu um observatório na Ilha de Rodhes, onde realizou importantes observações, entre os anos de 147 a 127 a.C, dentre elas a elaboração de um catálogo com a posição e magnitude (especificação de brilho) no céu de 850 estrelas, a dedução dos pólos celestes, a precessão (variação) do eixo da terra devido à influência gravitacional da Lua e do Sol, o valor entre o tamanho da sombra e da distância de raio entre Terra e da Lua e ainda a duração do ano, errando por apenas 6 minutos. Cláudio Ptolomeu (85 d.C-165 d.C) foi o último astrônomo importante da Antiguidade, tendo compilado uma obra em 13 volumes, denominada “Almagesto”, que é a maior fonte de conhecimento sobre a astronomia na Grécia. Sua contribuição mais importante foi a representação geométrica do sistema solar, do ponto de vista geocêntrico, com círculos e epíclis de razoável precisão e que foi utilizado até o Renascimento, já no século XVI.

Copérnico

A teoria geocêntrica de Ptolomeu (de que a Terra era o centro do Universo) perduraria por séculos, em parte por ser um conceito religioso da época, por força de interpretação radical da Bíblia. Foi Nicolau Copérnico (Torun, 19/02/1473-Frauenburgo, 24/05/1543), astrônomo e matemático polonês, quem retomou a teoria heliocêntrica, partindo dos fundamentos propostos pelo astrônomo grego Aristarco de Samos, 1.800 anos antes, segundo os quais os corpos menores, inclusive a Terra, girariam em torno do maior.



Copérnico aperfeiçoou os estudos de Aristarco, inserindo-lhes relações matemáticas que não existiam no trabalho original grego e ainda acrescentou avanços do sistema geocêntrico desenvolvido por Ptolomeu (excêntricos, epíclis, deferentes). Sua obra “De revolutionibus orbium coelestium” (“Das revoluções dos orbes celestes”) foi publicada após sua morte, segundo se diz a seu próprio pedido, temendo perseguições da Inquisição católica. Ainda assim, o sistema heliocêntrico de Copérnico era falho, pois o cientista manteve o conceito das órbitas circulares, tal qual Ptolomeu. Mais tarde, com a descoberta das órbitas elípticas por Johannes Kepler, surgiu a resposta para os movimentos planetários e dessa forma a “revolução copérnica” foi aperfeiçoada com os estudos de Kepler, Galileu (este uma vítima dos tribunais da Inquisição), Tycho Brahe, Isaac Newton, dentre tantos notáveis sábios da época.

Os cálculos e a coragem de Copérnico foram responsáveis por dar uma nova visão e vida nova à ciência moderna, permitindo ao homem enxergar mais longe e a sobrepor-se a interpretações estreitas e anacrônicas de religiosos medievais e renascentistas.



O HOMEM NA LUA

No dia 20 de Julho de 1969, o astronauta norte americano Neil Armstrong, o primeiro homem a pisar a Lua e já em solo lunar, proferiu a célebre frase: “Um pequeno passo para o homem, um grande salto para a humanidade”. Nesse memorável dia, a missão Apollo 11, tripulada por Michael Collins, Neil Armstrong e Edwin Aldrin, fincou a bandeira dos EUA na superfície lunar, à vista de milhões de boquiabertos telespectadores em todo o mundo. Um momento marcante, histórico para a ciência e a tecnologia humana e que veio coroar a superioridade americana na corrida espacial, à época contra a antiga União Soviética (Rússia).

Os soviéticos saíam na frente, em 1957, quando do lançamento do satélite espacial Sputnik, enviando os primeiros seres vivos ao espaço (a cadela Kudriavka), prosseguindo com o astronauta Yuri Gagarin, em 1961, o primeiro homem a ir ao espaço, de onde também proferiu uma entusiástica frase: “A Terra é azul!” Em 1968, os americanos realizaram uma viagem de circun-navegação à Lua, atingindo a sua superfície em 1969 com a Apollo 11. Entre 1969 a 1972, os EUA realizaram mais seis viagens tripuladas à Lua, suspendendo-se, a partir daí, os lançamentos, talvez pelo seu altíssimo custo (US\$ 20 bilhões). Os americanos prosseguem enviando sondas não tripuladas ao espaço, falando-se já na instalação de uma estação orbital e de viagens tripuladas a Marte. Mais recentemente, outros países, como China, Índia, Japão, Irã entraram na chamada “corrida espacial” com envio de sondas, cápsulas e robôs ao espaço, em particular à Lua e a Marte.

Desejos remotos

Crianças, ansiava-se por tantas coisas, objetos e que, no entanto, permaneceram apenas como frutos do desejo. Inviáveis naquele momento, quem sabe no futuro, um dia... Não se tinha recursos, não cabiam no orçamento das famílias ou eram vistos como artigos de luxo, não havia sensibilidade pessoal ou familiar para se contentar os gostos geralmente módicos de uma criança!

Desejos tão simples, de pronta satisfação, vistos com os olhares e o olfato consumistas de hoje – mas, que, irrealizados, se tornaram para sempre insaciados. Nada, nenhum dinheiro, nenhum poder suprirá aquela maçã saborosa, cheirosa que vinha embrulhada em papel de seda; uma nhá benta, um doce cremoso de leite, pudim de coco expostos, em atraentes terrinas, na vitrine do bar do Zé Aleluia; aquele estojo com lapiseiras, pincéis de iniciação ao desenho; um saquinho de pipoca crocante, quase espumante, preparado ali à vista pelo pipoqueiro, à entrada do circo ou do cinema ou mesmo no quiosque em plena rua domingueira; aquele sorvete de creme ou coco dissolvido e manipulado, numa taça, junto a refrigerante gelado e tomado, ou melhor, sugado deleitosamente com canudinho e a que se assistia, impotente, outros moços de “posses” ou adultos consumirem, nas mesas dos bares... Sem se falar, ao se crescer um pouco mais, ao se tornar mocinhos, naquele sapato social, que se exibia lustroso na loja do Bosco Caputo, a máquina fotográfica Kodak, aquela camisa de malha, aquela calça Lee com cinto blasonado...

O sonhar com brinquedos, guloseimas, roupas, aparelhos entre inacessíveis prateleiras – fantasias roubadas, desatadas impressões com acre gosto de tristeza...

Mentalmente, dizia-se, iludia-se, empurrava-se o regalo, o festim para o futuro: - Um dia, quando tiver dinheiro... quando for gente...

Restou, tão somente, o desejo como algo sagrado, intocado e que jamais seria satisfeito. Nada suprirá, apetecerá aqueles anelos, anseios de criança. Imerecedores, nós, parvos, bárbaros, bichos do mato... Como uma festa meticulosamente preparada por anos, ansiosamente esperada, emoções planejadas... Como amor, paixão, pulsão não acontecidos, é essa sensação de vazio, de incômodo, balanço do tempo não fechado, indecisão que se alongou por mar aberto, tão fundo o mergulho, peito coberto, quão ferina aula inaugural da vida!

